

Gravidez na adolescência

Pregnancy during adolescence

Lindomar Teixeira Luiz

Mestre em Geografia Humana - Unesp e docente na FAI

Célia Regina Moura Borguetti

Docente na FAI

Resumo

Pretendemos, no presente artigo, refletir sobre algumas possíveis causas e conseqüências da gravidez na adolescência. Nesse sentido, procuramos abordar as principais características do comportamento do adolescente e de seu estilo de vida, objetivando articulá-los a determinadas condutas que viabilizam a existência da gravidez precoce. Ademais, analisamos alguns fatores sócio-econômico-culturais que contribuem para o expressivo aumento de adolescentes grávidas em nossa sociedade.

Abstract

At the present article, we intend to reflect on some possible causes and consequences of pregnancy during adolescence. Therein we aim to broach the main characteristics of the adolescent behavior and its life style, aiming to articulate them to certain behavior which makes the existence of premature pregnancy viable. Moreover, we analyze some cultural-social-economical factors which contribute to the expressive increase of pregnant adolescents in our society.

Palavras-chave

Gravidez na adolescência, aspectos sociais, prevenção, família, saúde do adolescente.

Key words

Pregnancy during adolescence, social aspects, prevention, family, adolescent's health.

Introdução

Em 1997, 26,5% de todos os partos do SUS no Brasil foram de mulheres com menos de 20 anos de idade. Existem inúmeros fatores que contribuem para que haja um expressivo aumento de adolescentes grávidas em nossa sociedade. Há razões culturais, sociais e subjetivas que estão profundamente articuladas. Portanto, conscientes da complexidade desta temática, comentaremos sobre alguns desses determinantes, não tendo quaisquer pretensões de esgotar a reflexão deste assunto. Convém lembrar que as idéias expostas neste artigo, além de se basearem numa bibliografia especializada, resultam de um trabalho empírico que realizamos com algumas adolescentes grávidas.

É notório que muitas adolescentes iniciam cada vez mais cedo a sua vida sexual juntamente com a

precocidade da menarca, que é de 12,5 anos de idade. As razões de tal iniciação sexual precoce são várias: maior liberdade sexual da sociedade de um modo geral, aumento da individualização dos jovens, em detrimento da família como agente socializador; influência da cultura de massa - principalmente através da televisão, entre outros. Este último fator talvez seja um dos mais importantes no que tange ao comportamento sexual, por isso vamos explorá-lo um pouco mais.

Como sabemos, a hegemônica influência dos meios de comunicação de massa vem banalizando e difundindo, de forma explícita ou subjacente, uma gama de conteúdos com uma conotação erótica. A cultura de massa objetiva, fundamentalmente, vender produtos e serviços com vistas à apropriação do lucro de certas empresas. Uma das estratégias utilizadas para atrair o público, principalmente jovem, é através de conteúdos que contemplem a temática sexual, estimulando precocemente o desejo sexual. Parece-nos que a cultura de massa contribuiu para construção de um tabu concernente a liberdade sexual, isto é, no passado havia uma proibição; hoje ocorre exatamente o contrário: é proibido não viver intensamente a sua vida sexual. A cultura de massa se fundamenta nos valores da juventude, exibindo uma gama de situações e de conteúdos que transmitem mensagens de que esta fase da vida se limita às posturas hedonistas. Assim, ser jovem é, basicamente, viver para o prazer. A televisão é o principal meio de comunicação de massa. Sua estrutura tende a distorcer e a falsificar inúmeros conteúdos por ela propalados. Há uma tendência de acreditarmos que este veículo exhibe a realidade por mostrá-la através das imagens, o que não é verdade. Toda imagem, exibida pela televisão, é fruto de um "recorte" do real. É como se a imagem da televisão extraísse o seu contexto originário. Sem este contexto, aquilo que é transmitido não é totalmente real. Um exemplo: numa determinada telenovela há uma adolescente cuidando do seu filho. Por mais que tenhamos clareza naquilo que vemos, jamais poderemos sentir o que é cuidar de um filho sob certas circunstâncias. Nesse sentido, a televisão fragmenta todo e qualquer conteúdo transmitido, retirando-o de um determinado contexto e, por conseguinte, proporciona uma distorção e falsificação daquele conteúdo para quem a assiste. Portanto, se é típico da adolescência, segundo Gikovate, viver exageradamente as fantasias afetivo-sexuais, a televisão se encarrega de ampliar tal imaginário, proporcionando um hiato entre o jovem e a sua realidade.

Podemos pensar a questão da gravidez na adolescência por razões da inexpressiva utilização de métodos anticoncepcionais. Constatamos que ainda há uma enorme dificuldade, principalmente para as classes pobres, de acesso aos referidos métodos. Os motivos vão desde os altos custos dos anticoncepcionais passando pela inacessibilidade de informações adequadas e até por razões ligadas à ineficácia de políticas públicas que enfocam tal problemática. Falar em insuficiente informação é uma meia verdade: há jovens que conhecem perfeitamente os riscos de uma possível gravidez e sabem os procedimentos para evitá-la, no entanto, não colocam em prática aquilo que sabem. Por quê? São vários fatores, falaremos sobre alguns.

A grande marca da adolescência é a auto-afirmação e a transgressão. Os adolescentes procuram expressar condutas nada convencionais, visando a não se submeter a normas e valores estabelecidos. Deste modo, a prevenção pode simbolizar submissão ao universo dos adultos e, além disso, denota, outrossim, a existência de autonomia que tanto vangloriam. Por um lado, um dos mecanismos utilizados pelos rapazes para a auto-afirmação é a realização de feitos que demonstrem e reforcem a sua masculinidade: a valorização da violência, o desempenho sexual e o culto ao corpo musculoso. Tudo isto expressa os valores viris. Por outro lado, as moças cultivam algo muito impregnado na nossa cultura patriarcal, que é a feminilidade. Enquanto os rapazes concretizam sua masculinidade na primeira relação sexual, as moças devem se transformar em "mulheres" quando se tornam mães. Nesse sentido, existe um hegemônico imaginário na figura da mãe. Este imaginário é cultivado na mulher em toda sua vida, ou seja, desde tenra idade, a menina aprende que deverá ser mãe. Também é possível, como verificamos, que muitas adolescentes procurem na gestação uma fuga ou esperança diante das frustrações (afetivas principalmente) e angústias vivenciadas por elas.

As desilusões das adolescentes aumentam quando há um distanciamento entre os pais, fazendo com que certas condutas denotem uma insatisfação pela inexistência de práticas dialógicas. Assim, a gravidez é uma resposta para a inexistência de trocas de experiências intelectuais e afetivas entre pais e filhos. É bem provável que a jovem adolescente queira chamar a atenção dos pais por intermédio de uma gravidez, ou que esta seja uma forma de expressar o seu descontentamento nas relações familiares.

Constatamos, também, que muitas adolescentes não usam o preservativo em função do receio dos seus pais ficarem sabendo sobre a sua vida sexual ativa. Afora isto, muitas transam sem preservativo para vivenciar uma maior intimidade com o parceiro. Tal prática representa um elo afetivo mais acentuado, que é enormemente valorizado por elas. É como se o preservativo simbolizasse a existência de uma relação sexual sem envolvimento afetivo, que, principalmente para as moças é inadmissível. Há também um sentimento e uma enorme convicção que nada lhes acontecerá se transarem sem preservativos. Aliado a isto, não se vislumbra, em muitos jovens, qualquer preocupação com o seu futuro. Tal postura é muito forte nos segmentos menos favorecidos (em que a gravidez na adolescência é maior) à medida que o ideário da classe popular não está em sintonia com a idéia de planejamento. Existem, grosso modo, duas explicações para isto: o condicionamento cultural e as situações sociais prementes. A primeira está ligada à religiosidade e ao “jeitinho brasileiro”. A crença religiosa nutre esperanças (às vezes absurdas) que alguma divindade vá ajudar-lhes nas inúmeras dificuldades vivenciadas; o “jeitinho brasileiro” também absorve a idéia de que quase tudo pode ser resolvido, ou seja, dá-se “um jeito”. A segunda explicação tem a ver com a necessidade premente. Ora, se as dificuldades sócio-econômicas são vivenciadas no dia a dia das famílias, é bem provável que não tracem estratégias em que se contemple, de forma acentuada, o planejamento. É como se vivessem o “aqui e agora”. Se as suas famílias utilizam tal postura no cotidiano, é possível lhes transmitir aos filhos e filhas adolescentes, tendo com isto as óbvias conseqüências.

Concernente às conseqüências, estas também são inúmeras. Possivelmente, o dano mais prejudicial de uma gravidez indesejada seja a prática do aborto. Obviamente, que tal prejuízo atinge não somente as grávidas adolescentes. De acordo com Monteiro, o Instituto Alan Guttmacher, de Nova Iorque, divulgou que cerca de 1,4 milhões de abortamentos anuais no Brasil, resultaram em aproximadamente 288 mil internações ocasionadas por complicações resultantes de abortamento induzido. Portanto, uma indesejada gravidez na adolescência, sob certas circunstâncias, talvez possa motivar tal prática.

A mãe adolescente, em muitos casos, divide as suas dificuldades, de criação do filho, com a sua família de origem. Isto ocorre em função de muitas delas (principalmente de classes pobres) não terem o apoio do pai do seu filho. Desta forma, um número significativo de mães adolescentes faz parte das chamadas famílias monoparentais (mães solteiras). Majoritariamente o companheiro da mãe adolescente (pai de seu filho) também é muito jovem, tendo estas dificuldades para exercer um trabalho em que o salário seja suficiente para manter as despesas de sua família. Muitos destes jovens estão desempregados ou trabalham em precárias atividades, inviabilizando a construção da família nuclear. Também isto ocorre com a mãe adolescente, que, em muitos casos, começa a trabalhar para sustentar o filho, porém os rendimentos conseguidos com o seu trabalho são incipientes, fazendo com que muitas delas sejam acolhidas na casa de sua família de origem, que também não tem condições econômicas favoráveis.

A família nuclear (pai-mãe-filho) é tida como um padrão que deve ser seguido. Juntamente com este padrão (modelo) há um forte condicionamento cultural que impõe uma hierarquia e uma divisão de papéis entre os cônjuges: a mulher se incumba, fundamentalmente, de cuidar da casa e do filho, enquanto o homem deve ser o provedor, o chefe da família. Assim, há inúmeras evidências de famílias que não conseguiram atingir o modelo proposto vindo a se sentirem frustradas e culpadas por isso. Desejam, nesta óptica, construir aquela família tida como “ideal”, sugerida pelo modelo. Desta forma,

a família monoparental, da adolescente, provavelmente poderá vivenciar negativamente a existência de sua família. Diz Szymanski:

Em nossas pesquisas, ao aprofundarmos as análises a partir das observações e dos depoimentos, começamos a notar que as pessoas, sempre que falam da vida da sua família, pareciam estar a compará-la com alguma “outra” família. Esta parecia ser a certa, a boa, a desejável e a família que se vivia era “diferente”. (SZYMANSKI, 2001, p. 19)

A existência de uma mãe adolescente proporciona uma série de dificuldades para sua família de origem, bem como para o filho. Não obstante, quem mais se prejudica é a jovem mãe. Nesse sentido, uma quantidade significativa das mães adolescentes, deixam de estudar e passam a trabalhar para sustentar o filho. Diz Lima:

Os fatores sócio-econômicos implicados no problema da adolescente grávida que ocasiona o abandono definitivo da escola em mais de 90% das vezes, fará com que esta mãe não esteja preparada para enfrentar adequadamente o mundo adulto. (LIMA 1985, pg 478)

Desta maneira, além da culpa, vivenciam frustrações e se deprimem por não poder realizar projetos para obter uma vida melhor através dos estudos. Ademais, a fase da adolescência é repleta de conflitos, temores e insegurança. A mãe adolescente mal consegue minimizar os problemas típicos da adolescência, deve assumir uma responsabilidade - para a qual não está preparada - a de criar uma criança, isto é prejudicial para ambos.

Assim, o melhor remédio continua sendo a prevenção. Esta deve ser priorizada no convívio familiar através de um diálogo aberto com os pais. Também a escola deve ser um espaço privilegiado para se construir uma consciência crítica acerca desta problemática. Não podemos deixar de reforçar a importância de políticas públicas de saúde, que devem traçar múltiplas estratégias (desde campanhas preventivas até maior acessibilidade a métodos contraceptivos) com vistas à redução de mães em idades inadequadas.

Referências

- BARBOSA, Livia. **O jeitinho brasileiro**. RJ: Campus. 1992.
- COLLI, A.S. & DELUCCI. Adolescência. In: **Alcântara, P.& Marcondes. E. Pediatría Básica**. SP: 1975.
- GIKOVATE, Flávio. **Namoro**. Ralação de amor e sexo.SP: Moderna, 1994.
- LIMA, César Pereira. **Gestação na adolescência**. Acta Médica-HUP, SP: 1985.
- MARCONDES, Ciro. **Televisão**. SP: Moderna, 1993.
- MONTEIRO, Mário. Saúde reprodutiva. In: **Família a base de tudo**. Org.
- KALOUSTIAN, Silvio Manoug. SP: Cotez, 1994.
- SARTI, Cynthia Andersen.. **A Família Como Espelho**. Ed. Cortez S.P. 2003.
- SZYMANSKI, Heloisa. **A relação família/escola**. Brasília: plano editora, 2001.